



Bolsas Na quarta-feira	Pontuação B3 IBovespa nos últimos dias	Dólar Na terça-feira	Salário mínimo Últimos	Euro Comercial, venda na quarta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,51% São Paulo	1,21% Nova York	R\$ 5,151 (- 0,07%)	9/setembro 5,112 10/setembro 5,102 11/setembro 5,125 14/setembro 5,169 15/setembro 5,155	R\$ 1.621	R\$ 5,911	13,90%	13,62%
	187.206 11/9 14/9 15/9 16/9						Abri/2026 0,67 Maio/2026 0,58 Junho/2026 0,16 Julho/2026 0,07 agosto/2026 -0,32

POLÍTICA MONETÁRIA

Copom reduz taxa de juros para 13,75%

Em decisão unânime, Banco Central reforça a cautela e não dá sinais de continuidade do ciclo de cortes de juros

» ROSANA HESSEL

Em mais uma decisão unânime, o Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco Central, anunciou, ontem, a redução da taxa básica da economia (Selic) de 14% para 13,75% ao ano. No comunicado divulgado ao final da reunião, o colegiado não deu certeza se continuará reduzindo os juros na próxima reunião, após o primeiro turno das eleições de 4 de outubro.

“Em decorrência da dinâmica dos riscos associados à evolução dos preços, o Comitê reafirma que a magnitude total do ciclo de calibração será estabelecida à luz de novas informações visando assegurar a convergência da inflação à meta”, destacou o comunicado.

Esse foi o quinto corte consecutivo de 0,25 ponto percentual nos juros básicos. Ainda assim, descontada a inflação, os juros reais do Brasil permanecem em primeiro lugar no ranking global.

Conforme levantamento da MoneYou em parceria com a Lev Intelligence, feito com 40 países, considerando a inflação acumulada para os próximos 12 meses, o juro real brasileiro, de 8,45% ao ano, enquanto a Rússia. A média dos juros analisados foi de 1,62% anuais.

Além de reforçar o aumento das incertezas nos cenários interno e no externo, o BC elevou de 5,1% para 5,2% a previsão para o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Contudo, manteve em 3,2% a perspectiva para a inflação oficial no horizonte relevante monitorado pelo Copom, no primeiro trimestre de 2028.

Na avaliação de analistas, a decisão do Copom foi em linha com o consenso do mercado. Contudo, as opiniões divergiram entre uma pausa do ciclo de afrouxamento monetário, iniciado em março de 2026, ou de mais cortes nos juros, como pede o setor produtivo.

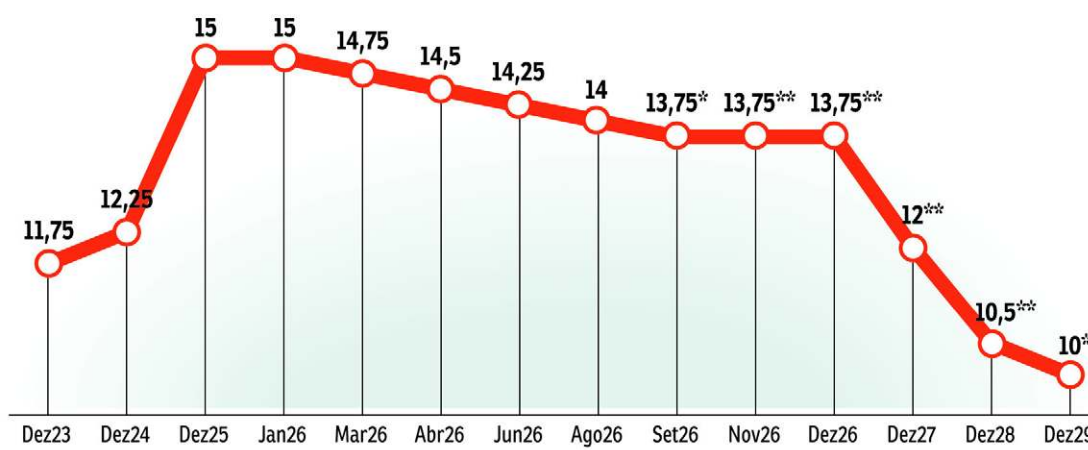
O economista-chefe do Banco BV, Roberto Padovani, considerou que o ciclo de corte de juros acabou e só será retomado no ano que vem. “Essa era uma decisão amplamente esperada pelo mercado. Todo mundo estava de olho, no entanto, a comunicação trouxe pouquíssimas mudanças em relação à decisão anterior. Basicamente, o BC repetiu o comunicado, mostrando preocupação com o risco inflacionário, que é o que reflete o balanço de riscos, e uma estratégia dependente de dados. Então,

Avanço gradual

Na contramão dos Federal Reserve, o banco central Estados Unidos, o Comitê de Política Monetária (Copom), Banco Central brasileiro, volta a cortar a taxa básica da economia (Selic) em 0,25 ponto percentual pela quinta reunião consecutiva, mantendo o ciclo gradual de afrouxamento monetário

REUNIÃO DO COPOM

Taxa Selic — Em % ao ano



* Consenso das projeções do mercado

** Mediana das estimativas do mercado coletadas pelo Banco Central em 4 de setembro de 2026

CARESTIA

Apesar de apresentar desaceleração recente, a inflação oficial segue acima do centro da meta, de 3%, nos próximos anos

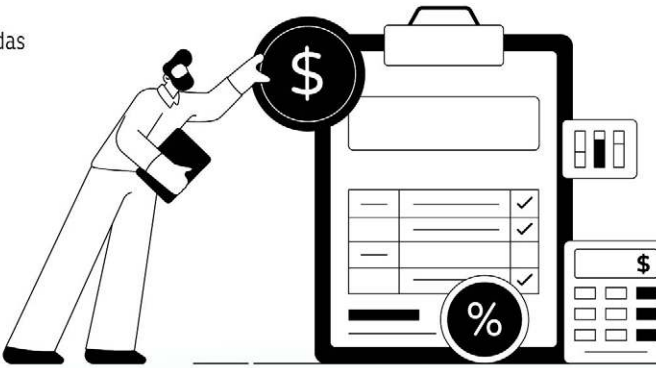
HISTÓRICO DO IPCA*

Variação acumulado em 12 meses — Em %



*Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), medido pelo IBGE

**Mediana das estimativas do mercado coletadas pelo Banco Central em 11 de setembro de 2026



RANKING GLOBAL

Apesar da redução na taxa básica para 13,75% ao ano, o Brasil segue na liderança mundial de juros reais, conforme levantamento da MoneYou com a Lev Intelligence

Juros reais* — Em %

1	Brasil	8,45
2	Rússia	6,79
3	Colômbia	6,33
4	Turquia	6,25
5	México	3,08
6	África do Sul	2,93
7	Argentina	2,69
8	Hungria	2,51
9	Indonésia	2,14
10	Chile	2,09
13	Índia	1,63
25	Estados Unidos	0,74
33	China	0,52
37	Japão	-0,44
38	Suíça	-0,50
39	Filipinas	-0,62
40	Nova Zelândia	-0,91

Média Geral 1,38

*Descontada a inflação projetada para os próximos 12 meses

Fontes: Banco Central, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e MoneYou/Lev Intelligence

BC dos EUA eleva taxa

O Federal Reserve (Fed, banco central dos Estados Unidos) anunciou, nesta quarta-feira (16/9), aumento na taxa básica de juros em 0,25 ponto percentual, para 3,75% a 4% ao ano, em linha com a expectativa do mercado. A decisão dos 12 integrantes do Fomc, comitê de política monetária do Fed, foi unânime e o comunicado foi bastante curto, revelando a marca da nova gestão de Kevin Warsh, escolhido pelo presidente dos EUA, Donald Trump, para iniciar o ciclo de corte de juros que seu antecessor não conseguiu realizar.

Trata-se da primeira alta de juros pelo Fed desde julho de 2023. Naquele ano, a instituição ainda era comandada por Jerome Powell. E essa decisão é a primeira de mudança de taxa sob o comando Warsh.

O aumento de juros do Fomc ocorre em mais uma superquarta, quando a reunião coincide com a do Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco Central do Brasil, que, na contramão do Fed e do Banco Central Europeu (BCE), deve reduzir a taxa básica da economia (Selic), em 0,25 ponto percentual, hoje, para 13,75% ao ano.

O comunicado do Fed reforçou o mandato duplo do Federal Reserve, consolidando maior preocupação com a inflação, uma vez que o índice PCE, principal referência inflacionária acompanhada pelo Fed, acumulou alta de 3,7% em 12 meses, permanecendo significativamente acima da meta de 2% perseguida pela instituição. O “Comitê mantém sua política de assegurar ampla liquidez de reservas no sistema bancário”, reforçou a nota.

“A atividade econômica vem se expandindo em ritmo sólido. Embora a incerteza permaneça elevada — em parte devido a desdobramentos geopolíticos —, os gastos domésticos têm demonstrado resiliência. O crescimento da produtividade é forte, e o investimento em capital, robusto. A geração de empregos tem acompanhado a evolução da força de trabalho, e a taxa de desemprego apresentou pouca variação”, destacou o comunicado.

Segundo o comunicado, a preocupação do Fed segue persistente com a inflação, que permanece elevada. “A medida de política monetária adotada hoje apoiará um retorno mais célere à meta de 2% estabelecida pelo Comitê. O Comitê assegurará a estabilidade de preços”, concluiu a nota.

Gustavo Cruz, estrategista-chefe da Sintra, destacou que a surpresa foi a sinalização dos materiais de projeções do Fed de que haveria mais uma alta de juros ainda neste ano. “Ontem, a previsão do mercado era de uma probabilidade de 48%, mas, agora, essa probabilidade de mais uma alta aumentou, podendo ocorrer em novembro ou em dezembro”, disse.

Na avaliação de Cruz, deverá haver pressão do mercado para que o Fed aumente os juros novamente na próxima reunião de novembro, “considerando que o barril do petróleo já está US\$105”. (RH)

Prévia do PIB’ indica economia mais lenta

» RAPHAEL PATI

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) registrou mais um período de queda em julho de 2026. Na comparação com o mês anterior, a ‘Prévia do PIB’ — como é conhecido o indicador, por acompanhar, mensalmente, o desempenho da economia — recuou 0,2%. Excluindo-se o setor agropecuário, que caiu 1,2% nesse período, o IBC-Br teve queda de 0,1% no mesmo mês, segundo os dados divulgados nesta quarta-feira (16/9), pelo BC.

Além da queda de 1,2% da agropecuária, o que mais pesou para o resultado negativo do índice foi o recuo de 0,4% da indústria, que segue em trajetória de crescimento mais fraco em 2026, de apenas 0,4% se comparados os meses de janeiro a julho dos dois últimos anos. Os serviços, que carregam o maior peso no IBC-Br, fecharam o mês com estabilidade (0%) em relação a junho.

Apesar da queda ante junho, o resultado mais recente foi superior ao apresentado no mesmo mês do ano anterior, com crescimento de 1,1% do índice nesta comparação. Já no

acumulado de janeiro a julho, o IBC-Br ainda registrou um avanço de 1,5% ante o mesmo período em 2025.

Nos últimos 12 meses (agosto de 2025 a julho de 2026), o índice avançou 1,5%. É importante ressaltar que o mercado ainda espera um crescimento de 1,89% do PIB em 2026. A previsão dos agentes divulgada nesta segunda-feira (14) sofreu uma queda em relação à semana anterior, em 0,04 ponto percentual, da mesma forma em que houve uma queda de 0,05 p.p. na previsão para 2027, quando a expectativa mais recente indica avanço de

apenas 1,45% na economia.

Desaceleração

A queda de julho no índice ocorre após outra queda em junho, que havia sido de -0,6%, e confirma a tendência de desaceleração da economia brasileira em 2026, na avaliação do professor Benito Salomão, doutor em Economia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). “O IBC-Br é um indicador antecedente do PIB, cujo dado só é informado trimestralmente e com alguma defasagem. Por isso,

os economistas olham pra ele a fim de conjecturar o comportamento esperado do PIB”, explica.

“O dado de junho, veio negativo, ainda assim, no acumulado do 2º trimestre o PIB cresceu na variação trimestral em 0,5%, e 1,9%, na variação acumulada. Agora conhecemos o dado de julho: uma nova queda. Julho é o primeiro mês do 3º trimestre, ainda é prematuro conjecturar que esse indicador isolado irá influenciar negativamente o PIB que vem mostrando grande resiliência — um crescimento trimestral ininterrupto há 19 trimestres.”